

# PARA ONDE VAMOS?

Enquanto o sr. Antonio Maria da Silva cogita combinações políticas para assegurar-se perpetuamente o poder, o país, a braços com a mais grave crise económica de que ha memória, contorce-se na miséria e na penúria.

Não é difícil verificar, consultando as estatísticas de importação e exportação, que a produção nacional está reduzida a 60 por cento do que era antes da guerra. Só na metalurgia, em Lisboa, ha, com absoluta segurança, 45 por cento de operarios desempregados, não sendo esta percentagem muito inferior na industria da construção civil. Se fizermos um idéntico exame nas nossas melhores industrias de exportação, a das conservas e da cortiça, veremos que aí ha apenas 30 por cento de operarios trabalhando a semana inteira, 50 por cento que trabalham 3 a 4 dias por semana e 20 por cento de desempregados.

Estes calculos baseiam-se em informações directas colhidas nos proprios centros produtores.

E' certo que não só entre nós existe uma situação grave como a que se observa presentemente. A Inglaterra, por exemplo, vê o seu commercio externo reduzido a 57 por cento do que era antes da guerra e ha cinco anos já que mantem entre um milhão e meio e dois milhões de desempregados. Nos Estados-Unidos os desempregados ultrapassam um milhão e o custo da vida eleva-se a 12 por cento sobre os preços de 1913. A Alemanha que em 1924 e principios de 1925 parecia querer sair da crise profunda em que a lançara a inflação catastrophica do marco, assiste agora á liquidação de numerosas empresas e luta de novo com o problema do desemprego. E se a França e a Italia vêem ainda o volume das suas exportações ultrapassar o das importações, isso o devem á depreciação da sua moeda e depressa virá o periodo da deflação — que já se começa a sentir na Italia — que arrastará a liquidação das empresas pelas dificuldades do credito e porá na ordem do dia o problema do desemprego.

Que se conclue daqui?

Que por toda a parte existe um estado de coisas novo, que o progresso das forças economicas que se vinha assinalando desde os fins do seculo XVIII com o triunfo do liberalismo, foi detido pela guerra que conturbou toda a economia mundial, trazendo um estado de empobrecimento geral que os sistemas sociais preexistentes se confessam impotentes para solucionar.

A situação mantem-se mercê da restrição dos consumos individuais. Todos nós sabemos que assim é, todos verificamos dia a dia que a situação piorando nos força á redução de despêsas, á privação de determinados consumos a que nos habituáramos.

Nos países manufactureiros, como a Inglaterra, a Alemanha, os Estados Unidos, etc. é o empobrecimento geral que tendo reduzido a capacidade de compra dos mercados externos, estanca as exportações. A redução das exportações força á acumulação de *stocks* que são capitais immobilizados, determinam o encerramento das fabricas e o desemprego. Mas nós não somos um país manufactureiro. A nossa produção industrial é, como sóe dizer-se, para os gastos da casa. Não tendo diminuído o quantitativo da população, antes aumentado um pouco, vê-se bem que empobrecemos muito, de que todos nós nos privamos duma parte do que nos é necessario.

Fundamente, toda a nossa crise reside na rarefação do meio circulante. O montante da circulação fiduciaria, agora como em 1914, reduzido a ouro, dá sensivelmente a mesma quantia, 19 milhões de libras. Mas faltam-nos os creditos a longo praso que nos davam os países manufactureros e que eram os nossos fornecedores tambem de materias primas industriais como carvão, ferro, algodão, lã, etc.; falta-nos uma boa parte das cambiais dos emigrantes e, sobretudo, o capital disponível, que ainda o ha, ou se retém no *pé de meia* ou se escôa pelas fronteiras, desconfiado, a procurar refugio nos bancos estrangeiros.

Alguem lembrou já a necessidade e conveniencia da hipoteca de 15 por cento sobre a propriedade rustica e urbana que é avaliada em dois milhões de contos e que nos poderia fornecer 300.000 contos. A ideia não é nova e já se praticou com resultado. Seja como for, o que é certo é que seja qual for o governo que dirija os destinos do país, ele não pode assistir impassível, como faz o sr. Antonio Maria da Silva, ao avolumar constante do desemprego. Imagina se porventura que são só os desempregados a sofrer? Desde que uma parte tão consideravel dos consumidores não dispõe dos meios de existencia, toda a vida economica do país é profundamente afectada pelo fenomeno do desemprego.

Arranjar dinheiro para pôr as fabricas em laboração, eis o problema.

# UM PRESO EM BOLANDAS

«Como constasse que, ao dar-se qualquer movimento revolucionario, o preso Alves dos Reis seria liquidado, foi deliberado que aquelle preso mudasse todas as noites de esquadra, para garantir da sua vida.»

Isto leu-se nos jornals de quarta-feira passada, mas não se acredita, tão extranha é a deliberação tomada e tão tola a rasão que a justifica. A policia e a imprensa, conjuntamente, abusam demasiadamente do publico supondo que falam e escrevem para parvos.

Se a policia sabe que está para eclodir uma revolução que liquidaria o preso Alves dos Reis, revela uma falta de confiança em si, p is, incapaz de fazer abortar a revolução pretende evitar aponas um dos seus efeitos, a morte de Alves dos Reis. E para evitar esta morte, o melhor meio que descobriu foi andar com o preso em bolandas, de Poncio para Pilatos. Não nos parece esse o meio de garantir a vida ao preso, pois já se deu o caso de um detido—o Domingos Pereira—ter sido precisamente morto num desses tractos entre esquadras.

Para que o disparate atingisse o cumulo, segundo *O Seculo* a revolução que se teme é de caracter radical. Mas que interesse podem ter os radicais em matar o principal incriminado da burla do Angola e Metropole? E' ponto de direito para saber quem praticou o crime, inquerir a quem o crime aproveita. Aplicando ao caso o mesmo criterio de investigação, levar-nos-ia a concluir que a morte de Alves dos Reis só poderia aproveitar áqueles individuos que, por ventura, recebem que Alves dos Reis os acuse.

Por mais que espremamos a noticia só destila estupidez policial e desprestigio para a Justiça. Tão extravagante ela pareceu ao publico, que não faltaram suposições e comentarios que muito comprometem as instituições e o Poder. Assim chegou-se a dizer que já tendo sido levantada a incomunicabilidade a Alves dos Reis sob o compromisso de não falar sobre o caso por que se encontra preso, achara-se agora a forma de o manter incomunicavel transferindo-o constantemente de esquadra.

— Desejo falar ao sr. Alves dos Reis.

— O sr. Alves dos Reis já cá não está. Foi para outra esquadra.

E assim Alves dos Reis, sem estar incomunicavel, não poderá comunicar com pessoa alguma.

E são estes os efeitos da disparatada deliberação tomada para garantir a vida ao preso Alves dos Reis: boatos tendenciosos, deducções fantasistas, maledicencia... E assim só se consegue esta coisa fantastica:—criar uma atmosfera de simpatia em volta do maior culpado da colossal burla das notas falsas!

# As Juntas de Freguezia

Pois é verdade. Reuniram ha dias as Juntas de Freguezia em sessão plenária. Pelas noticias vindas nos jornals, parece que, entre os assuntos ventilados, a todos sobrelevou em importância a conquista, para os membros efectivos das juntas, da sua velha aspiração da licença de uso e porte de arma. Felicitando os membros das juntas por esta justa regalia, seja-nos permitido o reparo de a êsse assunto de natureza particular e interna, de nenhum interesse para os paroquianos, se ter dado tanto relêvo na imprensa ofuscando os outros assuntos nessa mesma sessão plenária tratados e de interesse publico. Em outra occasião tal noticia passaria despercebida; mas neste momento em que os preços dos generos de primeira necessidade voltam a subir—só a batata em dois dias aumentou dois tostões em quilo—e em que uma crise de trabalho, numa cidade em que está tudo por fazer, fortemente se acentua, a questão do porte de arma, pela nenhuma utilidade que dela resulta para os paroquianos, deu origem certamente a que se comentasse a inactividade das Juntas de Freguezia, o seu alheamento das questões de utilidade publica, como por exemplo a do fornecimento de aguas inquinadas á população. E' que, na verdade, ha tanto que fazer, se elas quiserem trabalhar! A hygiene das ruas, das habitações, a limpeza exterior dos prédios, a assistência infantil e á pobreza, para não citar tantos outros assuntos que ás juntas respeitam.

Salvo honrosas excepções, as Juntas de Freguezia marcam pela sua falta de acção. Porque motivos? Ignoramos. Mas não deve ser indiferente a essa inacção a qualidade dos individuos que as constituem. As juntas são organismos populares, mas dá-se ás vezes o caso dos seus membros esquecerem-se que são povo e suporem-se, lá porque são merceeiros ou teem uma loja de barbeiro, que são forças-vivas autenticas. Daí resultam varios inconvenientes, como seja o de não fazerem cumprir, ou até mesmo impedirem que se cumpram, certas determinações camarárias de beneficio para os paroquianos e de interesse para a cidade. No entanto, que belo auxilio poderiam as juntas prestar ao cumprimento, nas suas freguezias, do horario de trabalho, do descanso semanal, da limpeza dos prédios! E como estaria nas suas mãos oppôr-se ás brutalidades da policia da sua área, á falsificação dos generos, ao roubo nos pezos e nas medidas!

E em matéria de instrução e assistência infantil, que vasto campo ainda por desbravar—apezar do muito, por algumas, já desbravado—se oferece ás Juntas de Freguezia! E' incontroverso que um dos factores da crise de frequencia ás escolas publicas é a miseria do pais. Esta causa da crise seria eliminada com uma assistência eficaz ás crianças da freguezia. Outra causa é o desleixo dos pais. Feito um inquerito pelas juntas que lhes permitisse averiguar das causas da não frequencia á escola das crianças da sua área, e com um pouco de propaganda persuasiva junto das familias, a frequencia á escola aumentaria. Na luta ao analfabetismo cumpre ás juntas o principal papel.

Queixamo-nos da frequencia das crianças ás Igrejas. Pois se lá distribuem-lhes bolos e fatos, como não hão-de as mães miseraveis manda-las á Igreja? Não será de mais resultado, para libertar as crianças da influencia do padre, prodigalizar toda a assistência ás crianças que frequentam as escolas?

---

O catolicismo de hoje é apenas a exploração da moral de Cristo pela imoralidade de Roma, da candura dum santo pela dobléz dum jesuita, e, se essa religião de morte e nihilismo, dá ainda um consolo e uma esperança, nada disso é dela, mas de Jesus, o martir sublime, cujo cadaver a Igreja transformou em taboleta hipocrita para o seu commercio sepulcral. — *Guerra Junquelles*

# A SEMANA SANTA E A "PATIFA" DA PRIMAVERA

O fim da semana foi de festa áacre e ruidosa para esta Lisboa ramerraneira e insípida. Foram dias de primavera exuberantes, cheios de sol morno e de luz. Nas ruas peçadas de gente, a multidão acotovelava-se, roçava-se, comprimia-se numa promiscuidade de classes e de sexos. Foi uma deserção geral dos lares lisboetas, numa demonstração ostensiva do chamado sincero sentimento religioso da sua população. A peregrinação ás Igrejas foi simplesmente colossal. E que mulheres, santo Deus! Nunca as nossas patricias nos pareceram tão lindas, tão gentis. Também nunca como nesta época dolorosa para a humanidade católica, em que a Igreja ordena que nos arrependamos dos nossos pecados, elas se nos oferecem tão apetitosas e pecadoras. Não sabemos se para adorar a Deus ou se para se fazerem adorar por nós, envergaram as suas mais graciosas *toilettes*, subiram alguns centímetros ainda as suas já bem curtas saias, carregaram um pouco mais o *rouge* nos lábios, rasgaram, com o *baton*, um pouco mais os olhos em amendoa, e ensombrecaram mais ainda os cílios longos e cerrados. E ao vê-las descendo as escadarias dos templos, depois da adoração do Senhor, — a brancura da carne pecaminosa dos braços, do colo e da nuca contrastando com o negro do vestido, as pernas mostrando-se até ao joelhos, as bocas provocando beijos, os olhos chispando desafios — ao vê-las saindo das Igrejas — o corpo todo ressumando sexualidade e gôso de vi ver — nós sentimos — confessamos o nosso pecado tremendo — uma grande, uma enorme inveja de Cristo. E se tivéssemos a certeza de que, também ressuscitariamos depois de termos — ao cabo de dois dias apenas, embora — todas aquelas mulheres a adorar-nos, a beijar-nos o rosto, as mãos, os pés, os joelhos, — nós não duvidaríamos em nos deixar sacrificar e morrer como o martir do Calvario.

Que lindas e tentadoras mulheres, santo Deus!

Semana Santa lhe chamam os homens que vestem saias e fazem votos de castidade. Semana diabólica, lhe chamamos nós.

— Blasfemos! Sacrilegos! Ateus!

Mas que culpa temos nós — ó Deus todo misericordioso! — que não tenhas misericórdia de nós ao cumular a mulher de tantas graças, de tanta sedução, de tanto encantamento; ao pores tanto feitiço nos seus olhos, tanta appetite na sua boca, tanta delicia nos seus afagos?

Que culpa temos nós — ó Deus todo po-

deroso! — que não possas proibir a elas que sejam tão perturbantes nos seus gestos, tão provocadoras na sua beleza, e a nós que as desejemos tanto, que por elas renunciemos a todos os prometidos prazeres no teu reino celestia?

Que culpa temos nós — ó Deus omnisciente! — que não soubesses subtrair-nos ás influencias da *patifa* da Primavera que canta, ri e estua em nossas veias e em nossos corações precisamente na época em que padeceste e morreste para apostolizares entre os homens o Bem e a Igualdade?

Que culpa temos nós — ó Deus omnipotente! — que quando a Igreja, que os homens criaram ordena á humanidade sacrificio, luto, dor, a Natureza, que tu criaste grite dentro em nós e por toda a parte:

Vida! Amor! Fecundidade!

## Duas conferencias

No Teatro Nacional e na Universidade Popular realizaram esta semana conferencias os srs. drs. Agostinho Fontes e Brito Camacho.

A ambas afluíu o Povo enchendo as salas.

Demonstra esta concorrência a ancia que a massa sente de bem se orientar e de, nesta hora grave, ouvir os velhos republicanos, os que *prometeram* e não conseguiram *cumprir*.

Facto que registamos:

Ambos os conferentes defenderam os principios que a Esquerda Democratica vem defendendo na sua propaganda e na sua acção.

O Povo ouviu e não tem, por isso, de que duvidar no caminho a seguir: enfileirar ao lado dos homens que, mais activamente e por factos, estão dentro da boa orientação.

---

O trabalho violento, que nem dá a satisfação do espirito nem assegura o desafogo da existência, convertendo o homem numa bêsta de carga, não nobilita, nem avigora, nem engrandece. Sem dúvida o homem pode e deve trabalhar, mas o trabalho deve ser regulado para êle de fórma que não tenha razões para o aborrecer, antes vá buscar nêle êsse revigoramento que até agora êle só fornece — circunstância singular, situação paradoxal! — aos que não precisam trabalhar. Quando se fala em trabalho e se diz que o trabalho deve ser amado, ninguem se refere ao trabalho exaustivo que é um suplicio infernal. Fala-se do trabalho que o braço pede, que a intelligência reclama, e um dia virá que só êsse trabalho será como tal considerado, constituindo então para todos uma fonte de vida e não uma origem de morte.

Mayer Garção.

# “A Semana dos Jardins”

A propósito do lindo projecto da *Semana dos Jardins*, do sr. Alfredo Guisado, escreve-nos *Um professor*:

«Chego a supôr que a iniciativa da *Semana dos Jardins* é uma manobra da reacção para tornar impossível este ano, ou fazer fracassar, a repetição da *Semana da Criança*, iniciada o ano passado pela Associação dos Professores de Portugal. E digo isto porque os jornais reacconários, salientando-se *A Epoca*, combateram com injustificado e inexplicavel rancor a *Semana da Criança* attribuindo-lhe a falsa paternidade maçónica; e porque os jardins publicos foram então recusados pelo sr. Alfredo Guisado para as festas infantis que se projectavam, a pretexto de que a petizada os escangalhava

«Ora o que eu queria perguntar era se não seria preferivel a Camara Municipal de Lisboa chamar a si a *Semana da Criança*, a tomar a iniciativa da *Semana dos Jardins*, que, por certo vem prejudicar a outra. E' que eu, sr. redactor, encontro uma certa afinidade entre as duas festas, e parece-me que se podiam juntar. A' ideia de *jardim* está sempre ligada a ideia de *criança*. Não nego á *Semana dos Jardins* o significado educativo. Mas não terá, além dêsse, um significado mais humano e social a *Semana da Criança*?»

Repelindo a suspeição lançada sobre a origem e propósitos occultos da *Semana dos Jardins* — cujo iniciador é pessoa incapaz de ser manejada por quem quer que seja e muito menos por gente com quem o sr. Alfredo Guisado não val á missa... — e estranhando — dado que o facto seja verdadeiro — que os jardins publicos tivessem sido negados para as festas ás crianças, a pretexto de que estas as escangalhariam, pois assim sendo não se compreende que nesses jardins se promovam agora festas que chamarão uma multidão de adultos não menos vandala que uma multidão infantil, —

nós diremos francamente ao nosso correspondente que não supomos que a festa dos jardins inutilize ou prejudique a festa das crianças. Se o contrário supozessemos, não teriamos dúvidas em preferir a iniciativa dos Professores de Portugal á iniciativa do sr. Alfredo Guisado.

Este caso para o qual *Um professor* nos chamou a atenção faz-nos meditar na fecundidade de iniciativas com que nós, portugueses, somos dotados. Em boas ideias, em imaginação, nenhum outro povo nos leva a palma. E' uma verdadeira crise de abundancia, e de tal forma que as iniciativas chegam, como os grilos da fábula, a matarem-se umas ás outras. Somos incapazes de nos devotarmos de alma e coração a uma iniciativa alheia com a qual concordamos, porque na mente de cada um de nós fervilha já tambem uma iniciativa nova. E só a nossa é que queremos ver secundada, auxiliada e realizada.

A *Semana da Criança* é uma bela iniciativa, encantadora e utilissima. Tende a criar o amor e o respeito pela infancia. A *Semana dos Jardins* é tambem uma iniciativa interessante, que tende a criar o respeito pelos jardins. Para ela guizou o sr. Guisado um programa d'aqui! Uma batalha de flores, uma grande festa no Jardim da Estrela, um concurso de jardins, uma tourada no Campo Pequeno e uma evocação das provincias de Portugal, cada provincia em seu jardim...

Lá a inclusão de uma tourada no Campo Pequeno — espectáculo de sofrimento e portanto contra a natureza — é que não achamos que fique muito ao pintar numa festa que é um cantico á Natureza, á Vida e á Alegria. Pois se com a *Festa dos Jardins* se pretende educar o povo a não destruir as plantas como dar-lhe um espetaculo que o educa a fazer sofrer os animais?

Mas enfim, com tourada, com o sem ou espada *Flores*, com concurso de montras e tudo, o programa é de supimpa. Nem parece um programa da *Semana dos Jardins*. Aquilo é uma almondega dos «Irmãos Unidos!»

## Afonso Costa

O sr. dr. Augusto de Vasconcelos, pessoa que, na politica republicana, ocupa um justo lugar de merecido destaque, concedeu uma entrevista ao *Diario de Noticias*.

Nela, demonstrando não ter lido com attenção o que aqui dissemos sobre a eleição de Afonso Costa para a presidencia da Sociedade das Nações, julga termos nós atacado o sr. dr. Afonso Costa por tal facto.

Erro crasso.

Tal facto foi honrosissimo para aquelo estadista da Republica. Tal facto não nos envergonhou mas — e certamente o sr. dr. Augusto de Vasconcelos conosco concorda — não é rasão para que governantes, parlamento e Nação inteira, de côcoras se ponham a agradecer o *favor* levado a cabo enquanto o sr. Briand negociava a cedençia de um mandato colonial á Alemanha que só à nossa custa seria obtido, de nada nos valendo a *honra sem proveito* que se nos acabava de conceder.

Mas insistimos: Portugal — não é o sr. dr.

Afonso Costa — foi eleito para a presidencia da S. N. depois de tal lugar ter sido ocupado por... Cuba!

Portugal que se bateu, que se sacrificou, que sofreu e que é a 3.<sup>a</sup> potencia colonial do mundo, foi colocada pela Sociedade das Nações em plano secundario ao de Cuba!

Nó entanto, todos batem palmas, e se babam de gozo!

Ah pobres e heroicos *serranos* que vos batestes e soubestes morrer pela Patria [e pelo seu prestigio em nome da Justiça e da Liberdade! Como depressa foi esquecido *pelos outros* o vosso sacrificio, a vossa dôr e a vossa memoria!

Sobre os vossos cadaveres bailam agora macabras danças, impando de fartos, plutocratas ladrões mais poderosos que outróra.

E se, por todo o mundo, o vosso sangue, em forte corrente, não viesse arrastando a onda revoltada dos tristes a caminho da hora suprema de maior Justiça, bem mal empregada teria sido a vossa morte e as lagrimas escaldantes das mães tristes, minadilhas na sua dôr enorme neste golgoltha da vida.

# Uma carta misteriosa

A CHOLDRA recebe aplausos á sua anunciada attitude

*Sobre a nossa mesa de trabalho, a seguinte carta interessante e elucidativa:*

Sr. Director: Li com o maior agrado a *Carta Misteriosa* e, com não menos agrado, vejo que V. Ex.<sup>a</sup> se propõe fazer e publicar um inquérito á acção nefasta dos banqueiros e grupos financeiros, canalha que tem feito dêste país o logradouro da sua insaciável cupidez e transformou êste povo, que ainda não há muitos anos sabia vibrar no mais puro sentimento republicano, nessa massa faminta, miserável, descrente e amorfa que para aí se arrasta.

Afonso Costa, Lial, Silva, Agatão Lança, e outros, nada mais são do que os *commis* da Alta Banca, da Alta Finança, da Alta Judiaria Universal, *commis* a quem os magnates dão uma triste bucha a roer enquanto guardam para si as mais suculentas iguarias do festim; toda essa horda de politicos venais que para aí estadeia mulheres, luxo e riquezas, não passa duma reles famulagem, pilha e pelintra, ás ordens dos grandes senhores que teem sabido, muito á chucha calada, ir engrossando e acumulando fortunas fabulosas, roubadas ao bem estar de tôdos nós, dinheiro que sossegadamente e sem o menor incómodo vão pondo em lugar seguro nos bancos estrangeiros.

Em 1910 por detraz da monarquia do Peral estava a reacção religiosa e os propagandistas entenderam, e muito bem, numa nítida visão das circunstâncias, que o maior inimigo, que a fôrça actuante que era necessario destruir se agrupava, se condensava em volta da Igreja reaccionaria; em 1926 é de todo necessario que os republicanos se convençam de que, por detraz do democratismo das deportações, a fôrça que manda, corrompe e oprime é a Alta Argentaria dirigida por individuos que outra lei não conhecem que a do dinheiro, e servida por gente de tôdas as classes e de todas as condições, infiltrada e dissimada no corpo da nação, minando, corroendo e decompondo o organismo até que de pôdre cáia em boeados.

O autor da *carta misteriosa* aponta, com uma brilhante lucidez, o caminho a seguir, e *A Choldra* fazendo seu o alvitre, lança as bases dum trabalho que marcará pelo seu alcance politico, que imporá pelos seus intuitos de justiça e que despertará o assombro, a indignação, o sentimento revolucionario dêste pobre povo enganado e narcotizado por uma imprensa que todos teem lido mas que só agora começa a ser entendida.

Por mim, republicano do mais intimo do meu coração, commerciante modesto e vítima indefesa desta plutocracia sôfrega e hiante, eu lhe prome-

to, Snr. Director, tôda a minha desinteressada colaboração, tôdos os meus apontamentos coligidos durante anos duma amarga luta contra os que me teem espoliado e por fim escarnecido, eu lhe fornecerei os elementos demonstrativos das razões por que a honestidade está aqui condenada ao insucesso, aqui onde os vertiginosos triunfos de gente rapace desmoralizam os temperamentos mais puritanos, amolecem os caracteres mais ríidos e emperram as iniciativas mais sãs, eu lhe prometo, Snr. Director, informá-lo de como certos individuos, ainda ontem miseráveis, avolumaram fortunas e entesoiraram bens que a outros pertenciam e de que espoliaram a colectividade, passiva e sofredora.

A crise económica!...

Mentiras e mais mentiras!

A fortuna pública, que é avultada, acha-se monopolizada nas mãos dumas centenas de onzeneiros, que a chuparam do nosso corpo pelos processos que o inquerito de *A Choldra* tornará públicos e que hoje a não largam para a circulação a menos dum interesse de uns oitenta por cento ao ano!

Snr. Director; o seu inquérito, a fazer-se, será uma revelação para o grande público, entretido como anda pelos concursos dos jornais. De V. etc.

Angelo Vaz

---

## A's varas

Na Guarda, realisou-se ha dias a procissão do Senhor dos Passos.

Grande festa, muitos foguetes, vinho em bar-da e musica de estrondo.

A procissão passou; o prior, com as prendas, garantiu-se farta papança. O povo folgou mas todos notaram—com espanto, os republicanos, com desvanecimento, os talassas—um facto flagrante e vergonhoso:

A's varas do palio, contra as disposições regulamentares, marchavam, imponentes nas suas fardas, tres officiais de patente superior do regimento que, na Guarda, tom a sua sede.

Registamos o facto. Não protestamos nem pedimos providencias. Ele, por si só, é significativo.

---

O Evangelho interpretado pela consciencia à clara luz do sol, é bem mais divino que intepretado por um bonzo à luz re-veledora duma lampada. — *Guerra Junqueiro.*

## O FARCISMO

Um grupo de homens de diversas correntes políticas, mas dedicados todos á causa liberal, tem tratado na imprensa e em sessões públicas, a questão fascista considerando-a de perigo grave.

Não é trabalho perdido nem deixa de ser útil, embora considere o tema errado. No nosso país não ha que recear o perigo fascista, o perigo é outro. O fascismo é um principio reaccionario com características bem acentuadas.

Ora em Portugal não é facil implantar-se qualquer principio com características definidas; opõe-se á prática a psicologia do nosso povo, originária da farça constante que tem sido o ambiente que o criou e em que tem vivido,

O perigo pois é de farcismo, e para o conjurar torna-se necessario estabelecer uma corrente inversa, orientada pelos que são hoje cotados como desequilibrados mentais.

E, senão, vejamos em analyse o que tem sido a nossa vida moral e material de ha anos.

- O que tem feito a Igreja?  
Semeado a descrença!
- O que tem criado os descrentes?  
Fanaticos!
- Quem cultiva o preconceito?  
O livre pensador!
- O que fez a monarquia?  
Democratizar!
- O que tem feito a republica?  
A reacção!
- Quem contra'ia as leis?  
O estadista!
- Quem gosa de consideração social?  
O prevaricador!
- Quem é menospresado?  
O honesto!
- Quem ensina?  
O ignorante!
- Quem estuda?  
O erudito!
- Que se aprende nas escolas?  
Erros e vicios!
- Que produz a cathedra?  
Cretinos!
- Como se equilibra o estado?  
Com o desconcerto!
- Quem vive na miséria?  
O trabalhador!
- Quem vive na opulencia?  
O ocioso!
- Quem mais rouba?  
O rico!
- Quem é mais roubado?  
O miseravel!
- A quem presta o estado assistencia?  
Ao valido!
- Quem é abandonado á indigencia?  
O invalido!
- Que cura se obtem nos hospicios?  
A ultima com o derradeiro suspiro!
- O que mais se impõe?  
A mentira!
- O que mais se repudia?  
A verdade!
- O que mais se ostenta?  
A abjecção!
- O que mais se discute?  
A virtude!
- Quem governa?  
O incompetente audacioso!
- Quem é governado?

O pacifico Zé que passa a vida a fabricar algemas com que o manietam e albardas com que o sobrecarregam!

Perante tal quadro, em que ha verdade, não farcista, pode a consciencia lucida não classificar Portugal país de farçantes?

E não estará indicado que a propaganda a fazer seja contra o farcismo?

ANTONIO NORMANDO.

## Quanto mais me bates . . .

Contentissimo com a reportagem que a imprensa fez do seu ultimo Congresso, o directorio do P. R. Radical enviou ao *Seculo* e ao *Diario de Noticias* um officio afirmando-lhes a sua gratidão. Mais uma vez se confirmou aquele velho dito: quanto mais me bates mais gosto de ti.

Não ha nada como tratar mal para se ter amigos.

Pelo facto do directorio do P. R. R. ter ficado satisfeito com a chuchadeira que o *Seculo* e o *Noticias* fizeram do seu Congresso, não alteramos, é claro, nem uma virgula no que aqui escrevemos, nem em nada modificamos o nosso critério. Aos dois grandes jornais de informação que, para serem órgãos nacionais, como desejam, tem de ser circunspectos e imparciaes perante todas as manifestações da opinião pública, não são admissiveis reportagens no género das que publicaram referentes ao Congresso do Partido Nacionalista e sobretudo ao do Congresso do Partido Radical. E de cá nos pomos á espera da realização do primeiro congresso das forças vivas para compararmos com as dos congressos dos partidos da Republica a reportagem dessa assembleia das forças economicas de que aqueles jornais são órgãos.

«Na vida dos homens que lutam com sinceridade e com fé, não ha desgostos, nem cansaços, nem desenganos, nem desilusões. — Antonio José d'Almeida».



OSR ANTONIO MARIA DA SILVA PÊRA OS ANTONIO MARIA DA SILVA... E PÊRAS

# Os srs. ministros

Nas pastas das Finanças e dos Estrangeiros estão dois homens bem falantes, que vestem bem, usam academicos gestos e discursam com meigas vozes.

Ambos tinham fama de talentosos estadistas, habeis politicos, grandes homens publicos.

Ambos com essa fama continuam e com ella se pavoneiam através as colunas dos jornais portuguezes.

O dos Estrangeiros, esse, até já conseguiu um elogio em qualquer jornal de Inglaterra!

Foi um assombro! Um successo! O artigo foi traduzido, lido á familia, comentado junto aos amigos e reproduzido no *Noticias!* Grandes estadistas estes homens!

No entanto, o sr. ministro das Finanças ignora graves cousas da pasta que lhe está confiada!

Deixa que se assumam serios compromissos sem ter preciso conhecimento, e é um director geral, o sr. Alberto Xavier, que, do alto da alta palmeira em que se empoleirou, põe e dispõe a seu talento fechando contractos com estrangeiros, tornando publicas as suas clausulas sem descer, porque sabe o *talento* do ministro, a dar prévio conhecimento de tudo ao homem que os destinos financeiros do país dirige! E o ministro — pobre estadista — não protesta, não censura e vai ao Parlamento, quasi trinta dias depois, declarar desconhecer oficialmente o que, em Paris, se passara com os portadores de titulos dos tabacos!

E a Camara ouvia e... e prestou homenagem á sinceridade do ministro!

O sr. dr. Vasco Borges é tambem, já o dissemos, um réclamado governante. Tsyllerand um pigmeu.

Os outros zero.

Vasco, o gigante!

E com razão!

Vasco, diplomata, engole notas amesquinhanças do governo inglés a proposito da *Incomate*;

Vasco, diplomata, faz um acordo comercial com a Alemanha, assina de cruz e se não ha quem veja, os alemães entravam em Angola sem que *O Seculo* — o patriota! — desse por tal;

Vasco, homem altivo, acha optimos os termos de uma triste explicação do governo inglés a proposito de claras ameaças á soberania nacional;

Vasco, o gigante, descompõe os parlamentares que consigo não concordam;

Vasco, o superior, faz se esperar no Parlamento, faz se esperar nos banquetes diplomaticos, faz-se esperar em toda a parte!

Só não se faz esperar quando nas crises. Então ele surge, elle oferece-se — está sempre em casa, ás ordens, pleno de abnegação, disposto ao sacrificio?

Assim, com o sr. Manuel Maria Coelho na noite do movimento de 19 de Outubro, assim sempre que a Patria o exige! Uma estatua, senhores, para os srs. ministros!

\*  
\*  
\*

O sr. dr. Manuel José da Silva classificou de leviandade o proceder do sr. dr. Vasco Borges no respeitante ao acordo com a Alemanha.

Antonio Ferro, que escreveu a *Leviana*, em homenagem ao ministro que o nomeiou para não sabemos que em Paris, vae escrever um novo livro: o *Leviano*... e ficará na historia...

## Republicanos!...

No movimento 18 de Abril tomaram parte monarchicos e republicanos.

Aqueles, para estabelecer a ponte de passagem para o regime que defendem; estes, quanto a nós, mais culpados, não hesitaram na aliança para combater o P. R. P.

Todos foram julgados, todos foram absolvidos mas só os monarchicos foram collocados.

Os republicanos, officiais valorosos e com longa folha de serviços prestados á Republica andam aí sem comando e sem quartel!

São republicanos e isso basta para o sr. Antonio Maria os preterir.

Não protestamos, porem.

E' pequena penitencia para o peccado de tão perigosa e desrasoavel aliança.

Paciencia. Republicanos só com republicanos se devem unir para *tudo*, mesmo para os factos que se aproximam...

## Que seria?

Afirmou-nos alguém que, nas bancadas conservadoras, se sentia ter-se estado para efectivar ha 5 dias um grave acontecimento revolucionario para a Republica.

O que seria? Que perigo paira sobre a Democracia? Porque não age o governo?

## Características ...

«O intensificar da instrução e a supremacia do poder civil são as duas características principais da sociedade burguesa; a primeira, como condição necessária da sua preponderancia economica, e, a segunda, constituindo o factor de progresso mental, idealista necessario á evolução da sociedade.»

E o que vemos nesta republica monstro em que es srs. Antonios Marias transformaram a ideal Republica de 1910?

Que o governo, salvo o provisorio, o do dr. José Domingues dos Santos e a acção isolada de João Camoezas, achou com atenção, com prestesa, intelligencia e audacia, este problema?

A Republica falece, a Republica morre porque se descurou, porque se não fez uma intensa propaganda junto do Povo para que se instruisse e as escolas, que não faltam, ou morrem algumas á mingna de alumnos, ou estes fogem delas abandonados pelos professores.

Para a pasta da instrução val hoje qualquer habi-injectador de doentes d'amor que tenha a mandar-lhe o cerebro um outro qualquer professor primario.

Num país onde se deviam mutiplicar as universidades populares e livres com pequenos cursos fornecendo conhecimentos geraes, só duas existem vivendo a custo e ao amparo da abnegada iniciativa particular.

O Estado não se move se não para processar as folha, de vencimentos destinados a reaccionarios professores que do alto das catedras da Universidade de Coimbra, preparam, com o dinheiro da Republica, uma mocidade que a ha-de sufocar!

E assim é que surge o estranho paradoxo de, nesta Republica de analfabetos, pulularem os doutores!

Por isso mesmo, a sociedade burguesa que para ai está, não passa dumcorpo morto, descaracterizado e torpe a impedir, putrefacto, a marcha do progresso!

Esta burguesia raquitica de cerebro, de massa encefalica reduzida e craneo duro em desafio a todas as boas ideias, prepara assim e por suas mãos o proprio desaparecimento abandonando as suas principais caracteristicas e mais fortes razões de ser.

Depois da instrução, a supremacia do poder civil é posta de banda totalmente, no mais inconsciente abandono do proprio instinto de conservação!

No poder, nos mais altos cargos, nas mais importantes missões, no Palamento e até no commercio e na industria, o militar predomina e, sob a sua força, o civil curva-se, amesquinha-se, sofre e tortura-se sem reagir, sem se lembrar que a sua revolta seria a salvação da Republica que assim, existindo embora de nome desaparece de facto arrastando consigo a burguesia que a sustenta.

E, se no meio da cobardia geral, alguém ou um grupo altivo e consciente surge a gritar alto o perigo e a focar com clareza o mal estigmatizando-o, logo surgem os rumorejos dos prudentes a gritar cautela, a tremer a beica e a encolherem-se mais.

Coitados!

## Uma pergunta

Pedem-nos a publicação desta pergunta que, conhecemo-lo, envolve uma grande acusação.

«Que procedimento aopta o sr. Ministro da Guerra contra o capitão Preza que, em Viana do Castelo, dizem, andar a aliciar os officiaes para um proximo movimento militar e ser o agente de ligação entre as tropas da guarnição daquela cidade e o comité dirigente do movimento?»

## A DITADURA

e os comunistas portuguezes á  
maneira russa

Na Caixa Economica Operaria realizou tambem o Partido Comunista, uma sessão anti-fascista. Falou, entre outros oradores, o sr. Ferreira Quartel — parece-nos que o actual chefe do comunismo entre nós — lamentando que o seu partido não tivesse sido convidado a fazer parte da comissão que empreendeu o movimento de agitação ante a ameaça fascista. Não podemos informar o sr. Ferreira Quartel dos motivos da falta por ele sentida, mas talvez o ajudemos a encontra-los repetindo a razão que o sr. Carlos Rates, fundador do Partido Comunista Português apresentou quando foi convidado a colaborar num protesto contra a ditadura que se prepara. «Sendo eu, como comunista, partidario da ditadura, por coerencia não posso colaborar nesse protesto».

A recusa do sr. Carlos Rates era logica e coerente.

E seria por julgar coerentes e logicos todos os comunistas que a comissão anti-fascista dispensou-se de convidar o partido do sr. Ferreira Quartel — se é que essa comissão conhecia o criterio do sr. Carlos Rates? Não sabemos esclarecer mais, porque não pertencemos á comissão em referencia.

## Uma parte do programa



—Deixai vir a mim os vossos votos!



POR BEM...

## DA VIDA MENTAL

Um mau livro de prosa do bom poeta  
Eugenio de Castro

Na America é costume sairem dos prelos todas as manhãs uns massos de papel impresso a que elles lá chamam jornais. São trinta, quarenta paginas cheias de bonecos horriveis e de patranhas imbecis que o publico americano devora gozoso. Aos domingos então, a produção jornalística toma proporções de cataclismo. E cataclismo, porque é preciso abater por dia florestas inteiras, para obter o papel que os monstros tragam sófregos.

Fruto da industrialização de tudo, característica do século, esta bizarra maneira de fazer jornalismo na America do Norte fez escola por todo o novo continente e os *rastacueros* do Sul todos se babam por possuirem grandes jornais.

Desses grandes jornais sul-americanos, os maiores são incontestavelmente «La Nacion» e «La Prensa», que se publicam em Buenos Aires. São verdadeiramente duas poderosas organizações essas, que pagam bem e rodeiam de todas as comonidades os que nelas trabalham. Não louvemos por isso as virtudes do capitalismo, da industrialização do *trust*, porque a essas colossais organizações falta sensibilidade, espirito jornalístico, elegancia mental.

O jornalismo europeu, designadamente o francês, é uma coisa leve, inteligente, civilizada; o jornalismo na America é o simbolo do novoriquismo, que não nasceu com a Guerra, como se supõe, antes surgia com o triunfo da burguesia nas eras remotas da Grande Revolução.

Néssas montanhas de papel sujo de tinta que se publicam na Argentina e no Brasil colabora m á larga alguns e «expoentes», portugueses. Não se suponha que ésses expoentes o são do jornalismo. Não, ésses pelo anonimato em que vegetam raro conseguem que os seus nomes ultrapassem os reduzidos meios jornalísticos do país. Os expoentes são homens de letras... gordas e magras, que por pequenas intrigas das chancelarias, por favoritismo do Poder, conseguem ter um vigéssimo premiado nessa lotaria de nobabos que é a imprensa sul-americana.

Esses senhores, que podem ter por simbolo o «maior escrivão português», o S. Sousa Costa, que recebe por cada artigo enviado a um desses jornais tanto como ganha num mês de trabalho qualquer redactor das nossas gazetas, sur-

ripiaram aos jornalistas aquilo que de direito lhes pertencia, as correspondencias para esses jornais.

Sem senso jornalístico, neção da oportunidade, originalidade do assunto ou se quer brilho no comentario, ésses cavalheiros dejectam para os mostrengos que lhes pagam a prosa em ouro de lei, as maiores imbecilidades, quasi sempre no estilo mais charro e pascacio. Um deles fez publicar há pouco num jornal do Brasil um romance autobiografico em... artigos. Outro que colabora numa gazeta argentina cifra o seu talento de cronista em desunhar todas as semanas um artigo de duas colunas, ao qual compaciencia... (punhamos evangelica) com paciencia evangelica, lima todas as palavras para evitar repetições, estragando decerto por mez uns poucos dicionarios de sinonimos.

E são estas alternadissimas bestas que lá fóra representam o escol da intellectualidade portuguesa!

Este desabafos veem a proposito dum recente livro de prosas que deu á luz o poeta Eugenio de Castro. Diz-se para si que o sr. Eugenio de Castro tem muito talento e ele proprio não é dos ultimos a afirma lo. Como poeta decadente fez escola aí ha vinte anos introduzindo nesta Beócia o simbolismo, o parnasianismo, o culturanismo, que já tinham cabelos brancos na França.

Foi para a «mocidade esperançosa» um chefe de escola, um mestre.

Não discutamos o poeta. Se verseja ou versejo bem, isso só demonstra que fazer versos não custa; porque ao escrever prosa o sr. Eugenio de Castro é duma insipidez, duma banalidade que afligem.

O sr Eugenio de Castro, o maior de todos os poetas da falange a que pertence mais, cremos que só o poeta Sevilha, é como o maior escrivão português, colaborador dum grande jornal argentino «La Nacion».

As cronicas que lá publicou reproduzia-as agora em livro a que chamou «Cartas de tornaviagem». Logo de entrada «modestamente as compara áqueles vinhos generosos que iam ao Braisl e vinham o que, no regresso eram muito apreciados pelos amadores, pelo perfume subtil

## A CHOLDRA

e delicioso paladar que, parece, adquiriam na viagem. Quem há de gabar a noiva...

Lemos as crónicas. São zurrapas da pior. Fragmentos autobiográficos, que devem interessar muito á familia do sr. Eugenio, mas que para o publico não servem; perfis de homens de letras, tocados aqui e ali da baba reaccionaria; «viagens maravilhosas», feitas por exemplo a Elyas, e outras sandices assim, é o que encerra o livro. Nem ideia nem estilo, nem sequer uma nota de originalidade no comento. O sr. Conselheiro Pacheco se escrevesse, não escrevia de maneira diferente para «La Nacion» de Buenos Aires.

Sejamos justos, porom; no livro há uma cronica curiosa, leve elegante, é a intitulada «A voz dos sinos, ... mas essa roubou-a o sr. Eugenio de Castro de um artigo de Quim Martins que vem agora publicado na excelente colectanea «Bric à Brac ...»

### Uma revista de meninos pretenciosos, que tem todavia algumas ideias lá dentro

Apareceu ha dias uma publicação que tem como anté-titulo o seguinte:

*Revista anti-moderna, anti-liberal, anti-democrática, anti-burguesa e anti-bolchevista*

Intitula-se *Ordem Nova* e logo na capa á laia de subtítulo o programa acrescenta que é:

*Contra-revolucionária,  
reaccionária, católica,  
apostólica e romana, monárquica,  
intolerante e intransigente,  
insolidária com escritores, jornalistas  
e quaisquer profissionais das letras, das  
artes e da imprensa.*

Virámos a página e encontrámos uns dezasseis nomes desconhecidos, de estudantes, por certo, pois a redacção da revista é em Coimbra, alfobre de todos os génios deste pobre país.

O título da publicação, pretenciosissimo, era ultra ridiculo, os nomes dos seus redactores e colaboradores cheiravam a ponto de exames; pensámos logo que se tratava duma garotice de escolares, que, como sempre, começam por ter muito talento e acabam juizes da Relação ou Directores gerais de ministerio.

Entre as outras tolices do cartaz, a revista dizia-se reaccionária. O mestre barbeiro, que temos cá dentro e que ás vezes degenera em panfletário, assentou a lâmina, para a afiar melhor, e disse com os botões do balandrau:—Ora' aí está um belo assunto! Vamos a desancar os pimpolhos!...

O artigo de apresentação, fraquinho, requentadinho, crescidinho para a idade, deu-nos razão:—era preciso esborrachar os pequenos, com dois ou três puxões de orelhas.

Um artigo dum tal sr. Domingos de Gusmão Araujo e outro do sr. Manuel Murias, o comento de M. C. e a crónica de Marcello Caetano, que crémos ser o mesmo, sobre a Santa Terezinha e o Senhor dos Paços, revêlaram-nos que entre aquele lixo todo havia algumas ideias e mudámos de tenções.

Reaccionários, sim. São reaccionários os rapazes da «Ordem Nova» mas toem ideias e isso impõe-nos ao nosso respeito.

O que elles são no fundo são revoltados contra o existente, mas acorrentados ao passado, á religião, á tradição monárquica, não conseguiram ainda libertar-se dessas cadeias. Ofuscou-os o deslumbramento da Ideia Nova, a visão do Futuro cega-os. E como os palhaços que riem á força, elles á sobreposes gritam que são «católicos apostólicos romanos monárquicos, etc., só para justificarom que são efectivamente «anti-burgueses».

Pobres rapazes! querem dizer «amor» e não lhe chega a lingua, por isso estragam tantas palavras!

SPARTACUS

## ESBANJAMEETOS

A Camara Municipal de Lisboa e a sua ve-reacção marcham scleres nas *pandas azas dos bonançosos ventos!*

E' um nunca acabar de desperdícios: projectulos baratos de insignificante lavra, obras pifias de cerebros estoirados, caudais de dinheiros gastos á matroca, nessa furia de megalomanos que põe o Municipio á dependura!

Nada util ali se faz, nada bom ali aparece, apenas se sabe que, de envolta com tanta miseria, ha c rca de dois mezes comprou-se um carro de luxo para o vereador do Pelouro dos Matadouros e hoje ha noticia de aquisicção de um outro automovel para o vereador do Pelouro de Engenharia e Arquitetura.

Amanhã mais automoveis para a restante ve-reacção.

O Povo de Lisboa, que dizes a esta dissipacção do teu dinheiro?!

Se te não acautelas, senão inventas uma *tutela* para esta *maioria democratica* mal intencionada e cheia de celebridade e grandezas, ficas, seguramente, a *pedir por portas!!!*

# O NOSSO INQUERITO

Perante a soma tremenda de vergonhas cometidas pelo governo contra a Republica; perante o perigo de uma ditadura militar; perante o triunfo da reacção; perante a possibilidade da anistia a Paiva Couceiro, **qual o caminho que se deve seguir?**

O caminho a seguir em vista dos abusos do poder deve ser o seguinte:

1.ª A Esquerda Democratica, que encarna as aspirações do povo, e que será, depois de organizada, o sustentaculo indestrutivel da Republica, e o arbitro dos destinos da nação, deve fazer quanto antes, uma intensa propaganda por todo o país como a que levou a efeito antes das eleições, no Porto e Lisboa; 2.ª A Esquerda Democratica deve tomar a iniciativa, da união urgente do «Cartel das Esquerdas», transigindo todos, no que for possível, para se evitar por todos os meios que o país caia sob o despotismo de uma ditadura conservadora, sempre nefasta e perigosa. Feita a união, exigir dos governos o cumprimento integral da Lei, base fundamental de uma pura Democracia; 3.ª Se o perigo da ditadura conservadora aumentar, antes que a união das Esquerdas seja um facto, pugnar pela formação imediata de um governo de concentração geral, constituído por altas capacidades, de convicção republicana—BRAGA (a) *José Manoel dos Santos*.

\*

Respondendo ao apelo que o denodado defensor da Democracia *A Choldra* faz aos republicanos e homens amantes da Liberdade, cumpre-me clamar d'aqui bem alto, que perante todos os perigos que actualmente ameaçam a Republica Portuguesa—que o Governo é um das principais cúmplices—que o unico caminho que temos a seguir é o da *Revolução*, afim de esmagar de uma vez para sempre a ignobil reacção politica, financeira e religiosa i...

Se este Parlamento de cabeças ócas e esquentadas anistiar os fidalgais inimigos do regime como o asqueroso Paiva Couceiro, o bandido do Padre Domingos, o gatuno do Solari Alegro, etc., se efectivamente se

quizer dar mais um golpe fatal na Lei da Separação da Igreja do Estado, os republicanos de sincera convicção terão immediatamente de pegar em armas em defeza da Democracia immaculada, correndo a chicote todos esses tartufos miseraveis que para aí pululam como vermes nojentos—VILA NOVA DE GAIA (a) *Olimpio Castello Branco*.

\*

O que se passou no tempo do reinado de D. Filipe III com os espanhois é identico ao que neste momento se está passando com os governos saídos do Partido Democratico e para se acabar com esses vexames e opressões é necessario e urgente que todos os verdadeiros republicanos se unam (porque a união faz a força) e se revoltem contra todas as barbaridades cometidas pelos governos saídos do P. R. P., partido esse que tem feito da Republica uma gamela e do poder um monopolio. Fora com o Partido Democratico, fora! e façamos ver que, hoje, ainda ha verdadeiros republicanos... e portugueses!... Viva a Republica Portuguesa! Viva o Partido Republicano Esquerdista! Viva Portugal—(a) *Um verdadeiro republicano*.

\*

A minha opinião é a seguinte: que o povo recorra ás armas e faça a sua revolução, correndo com esses ditadores que tem levado o país á ruína, e que os governantes pensem em dar um perdão aos infelizes por delicto comum, como manda a constituição e que ainda nem nisso pensaram—(a) *Fernando Antunes Alves*.

\*

Que o Zé Liberal cruze os braços, e espere pelo resultado.—(a) *I. Antonio*.

## 3 meses de Vida

Estão seguindo com entusiasmo e successo que garantem o brilhantismo da festa republicana que se prepara, os trabalhos de organização da merenda comemorativa do primeiro trimestre de vida de *A Choldra*.

*Arnaldo Pimentel, Carlos de Araujo e Julio de Mesquita* tem sido incansaveis pondo toda a sua amisade e brio no empenho firme de conseguir que a festa fique marcada como um éxito grande e

como um acontecimento importante na propaganda dos principios liberais.

A comissão tem recebido valiosas adesões contando com o gracioso auxilio da Camara Municipal de Lisboa e do seu vereador sr. Almeida Santos. Em breve será tornado publico o local onde se realisa a merenda que se efectuará domingo 26, destinando-se o produto das entradas para o Azilo de St.ª Catarina, em Lisboa.

Nós não combatemos os que reconhecem a lei de Deus, a quem combatemos é aqueles que não reconhecem os direitos do Homem.—*Albano Coutinho*.

## NO MUNDO DESPORTIVO

# Ainda o congresso da U. P. F.--Os ultimos desafios do Campeonato -- Os combates de soco, no Coliseu

Aquella reunião dos dirigentes do choot, tem sido de-  
veras engraçada.

Principalmente a assembleia de domingo, foi de en-  
cher o papinho...

Como, naturalmente, os nossos leitores não estão bem  
scientes do que lá se passou, nós os elucidamos:

O sr. Julio de Araujo, por artes do diabo, conseguiu  
arranjar uma delegacia, ao Congresso, por Moçambique.  
Tomou parte nos trabalhos preparatorios e nessa reunião  
surgiu uma vaga de director, a do tal ladrão Veloso...

Pensou logo o delegado «Leão» em ser director da  
U. P. F. e começou a manobrar para conseguir o seu in-  
tento.

Não contava porém, que o nosso colega de jornalismo,  
Candido de Oliveira, sabedor da tramola, o torpedeasse  
nos seus desejos...

Chegou o dia da eleição e contra a expectativa do  
sr. Araujo, não foi ele o eleito, apesar das promessas  
feitas, nem dos brindes a distribuir...

O nome do desportista portuense, dr. Urgel Horta,  
tinha grangeado o numero de votos sufficiente, para ser  
eleito director do organismo maximo do choot.

Furioso, pior que um macáco, o Julio de Araujo con-  
cedeu ao «Sport de Lisboa» uma entrevista na qual vo-  
mitava toda a sua bilis contra os seus colegas do Con-  
gresso, ameaçando-os ao mesmo tempo de que iria con-  
tar coisas tremendas a respeito da União.

Foi uma bomba que rebentou dentro do Congresso.  
As frases proferidas pelo Julio de Araujo, causticantes  
para os seus colegas, delegados, foram altivamente repe-  
lidos pelo dr. Augusto da Fonseca e Candido de Oliveira.

O delegado por Moçambique enguliu em seco todas  
as verdades como punhos que lhe foram dirigidas, a  
ele que, se é alguém dentro do meio desportivo, não é  
pelo seu valor intelectual, ou posição social, mas porque  
tem sabido conquistar o lugar de director de um clube  
que pratica desporto, mas que ás vezes nos dá a im-  
pressão de que não é um clube desportivo, mas sim uma  
agencia de negocios...

O caso do jogador Ferreira, que devemos tratar por  
estes dias, é um assunto que deixa mal colocado despor-  
tivamente aquele clube.

De facto, se não fosse a injusta e vaidosa entrevista  
concedida pelo sr. Araujo, o Congresso passava sem que  
tivesse uma coisa a marca-lo.

Assim teve. Foi o saber-se que existem delegados,  
que só tem um unico fito: ascender aos mais altos lugares  
não recuando perante os meios necessarios para alcançar  
a sua ambição.

E o que o Candido divulgou, de que o Araujo até  
votara em si proprio para o lugar de director, define bem  
o caracter do delegado por Moçambique e director do  
Sporting.

jamos assinalar: a derrota do grupo campeão, pelo grupo  
que alcançou a penultima classificação, o União.

Este caso que representou mais uma surpresa, das  
que este campeonato foi fértil, serviu para os meninos  
leões querendo menospresar o brilhante exito dos joga-  
dores de Belem, dizerem que os Belenenses não merecem  
o titulo de campeão.

Não merece a pena dar replica a tais dislates.  
Tenham paciencia, que nem mesmo com a «mulher  
a dias», nome com que alcunharam o jogador Ferreira, o  
Sporting conseguiu a sua ambição...

Com o tempo que estava e da maneira lastimosa em  
que os campos se encontravam era completamente im-  
possivel poder fazer-se jogo de foot-ball...

Os Belenenses foram vencidos pelo elevado score de  
4 goals a 1, por um clube que na primeira volta fóra  
derrotado pelo nitido score de 7 a 2.

O Bemfica jogando contra o Victoria, com o seu grupo  
completo, pois que os setubalenses depressa esqueceram  
a lição de moral que pretenderam dar ao meio desportivo,  
conseguiu um empate de 2 goals a 2, depois de o arbitro,  
mais uma vez os malditos arbitros, não lhe ter validado  
uma bola que já fóra defendida dentro.

O Sporting, jogando contra o Imperio viu-se seria-  
mente atrapalhado para alcançar uma magra vitoria de  
2 goals a 1.

O Carcavelinhos foi o grupo mais feliz desta epoca  
e o que conseguiu, devido á chance com que jogou, mar-  
car mais vezes.

A sua vitoria sobre o grupo casapiano por 6 goals a  
1, representa de facto um resultado demonstrativo do  
poder de infiltração da sua linha de avançados.

Neste jogo, a unica nota digna de registo, foi o fra-  
casso de Roquete que, devido á sua pouca sorte, teve de-  
fesas desastradas.

Paciencia. Más tardes todos teem, e Roquete, apesar  
disto, ainda demonstra ser melhor do que o fenomeno  
chiquinho...

Mais uma vez o Coliseu, foi a sala escolhida para a  
realização de um espectáculo de brutalidade.

Os «manequins articulados» como são quasi todos  
os nossos jogadores de soco, entretiveram a assistencia  
boçal, que não teve pejo de pagar uma desena de escudos  
para ver criaturas socarem-se com denodo...

Já é preciso ser-se muito selvagem para se pagar um  
logar para ver dois homens a esmurrarem-se.

Nesta sessão, a unica coisa digna de nota foi a for-  
midavel tarefa que o Santa apanhou... Nem mesmo por  
estar na «semana santa» isso lhe valeu.

»ANIBAL TORRES«

Terminou o campeonato de foot-ball, em Lisboa,  
com a vitoria dos Belenenses, conforme já o dissemos.  
Nestes ultimos jogos, deu-se um facto que nós dese-

A habilidade politida será um instrumento util, mas a di-  
gaidede é uma força invensivel.